



Maria Filomena Lopes de Barros e Ana Paula Gato (ed.)

## Desigualdades

Publicações do Cidehus

---

# Diferenças, discriminações e desigualdades: estudos sobre minorias sexuais

Madalena Melo, Patrícia Bota e Joana Santos

---

DOI: 10.4000/books.cidehus.13577  
Editora: Publicações do Cidehus  
Lugar de edição: Évora  
Ano de edição: 2020  
Online desde: 1 outubro 2020  
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios  
ISBN eletrónico: 9791036563089



<http://books.openedition.org>

### Refêrencia eletrónica

MELO, Madalena ; BOTA, Patrícia ; et SANTOS, Joana. *Diferenças, discriminações e desigualdades: estudos sobre minorias sexuais* In : *Desigualdades* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2020 (généré le 09 octobre 2020). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/13577>>. ISBN : 9791036563089. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.13577>.

---

## **Diferenças, discriminações e desigualdades: estudos sobre minorias sexuais**

*Madalena Melo\**, *Patrícia Bota\*\**, *Joana Santos\*\*\**

### **Resumo**

Apesar das evidentes mudanças sociais, políticas e legislativas, a investigação mostra que persistem, nas sociedades ocidentais atuais, atitudes e comportamentos discriminatórios face aos denominados grupos minoritários. No caso concreto das minorias sexuais, o preconceito tende a assumir formas menos claras e explícitas, permitindo que a discriminação permaneça enraizada a nível individual e nas relações interpessoais. Com efeito, apesar do preconceito mais “flagrante” continuar presente, os argumentos e as atitudes desenvolveram-se de modo a refletir uma norma social igualitária, o que não resulta num aumento vincado de visões igualitárias ou anti preconceito, mas sim na emergência de formas de preconceito “subtil”, menos detetável e, como tal, menos sujeito a crítica social. A nossa sociedade continua, assim, baseada na crença da heteronormatividade, que valida a heterossexualidade enquanto norma universal, e classifica a homossexualidade, enquanto conceito oposto à heterossexualidade, como o desvio a essa norma. Mantém-se o “preconceito sexual”, com atitudes negativas especificamente formuladas com base na orientação sexual. A noção de diferença e a restrição de oportunidades baseada no preconceito são legitimadas e perpetuadas pelo poder e pelo *status* das instituições sociopolíticas e dos sistemas ideológicos, sob a forma do denominado heterossexismo — sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, económica e jurídica, de modo implícito ou explícito, tendo como base a crença de que todas as pessoas são heterossexuais. Este capítulo pretende apresentar os resultados de investigações realizadas sobre a temática do preconceito relativamente a minorias sexuais, explorando as diferentes formas como se expressam os preconceitos. O primeiro estudo visava compreender a evolução e configuração do preconceito face a pessoas homossexuais, através da comparação de resultados obtidos em dois momentos diferentes; o segundo estudo tinha como objetivo

---

\* Universidade de Évora, CIDEHUS, mmm@uevora.pt

\*\* Universidade de Évora, APF, patricia.hcb@gmail.com

\*\*\* Universidade de Évora, joana\_raquel\_santos@hotmail.com

principal analisar a eventual multidimensionalidade dos preconceitos, mais especificamente, semelhanças e/ou diferenças quando direcionados a lésbicas e quando direcionados a *gays*.

Os principais resultados mostram que os participantes do sexo masculino evidenciaram mais preconceitos relativamente à homossexualidade, sendo as atitudes face a *gays* mais negativas. Tanto para a homossexualidade masculina como feminina, as atitudes são mais negativas, em ambos os sexos, quando existem manifestações explícitas e diretas de orientações sexuais não normativas.

**Palavras-chave:** minorias sexuais, heterossexismo, heteronormatividade, homossexualidade, preconceito, preconceito subtil

### **Abstract**

Despite evident social, political and legislative changes, research shows that discriminatory attitudes and behaviours towards the so-called minority groups persist in current Western societies. In the concrete case of sexual minorities, prejudice tends to express itself on less clear and explicit forms, allowing discrimination to remain rooted at the individual level and in interpersonal relationships. In fact, while the most "blatant" prejudice remains, arguments and attitudes have developed to reflect politically correct norms, which does not result in a marked increase in egalitarian or anti-prejudice views, but in the emergence of forms of "subtle" prejudice, less detectable and as such less subject to social criticism. Our society thus continues to be based on the belief in heteronormativity, which validates heterosexuality as a universal norm, and classifies homosexuality as a concept opposed to heterosexuality as the deviation from this norm. "Sexual prejudice" is maintained, with negative attitudes specifically formulated based on sexual orientation. The notion of difference and prejudice-based restriction of opportunity are legitimized and perpetuated by the power and status of sociopolitical institutions and ideological systems in the form of so-called heterosexism - a system in which heterosexuality is institutionalized as a social, political, economic and legal norm, implicit or explicit, based on the belief that all people are heterosexual.

This paper aims to present the results of research on the theme of prejudice against sexual minorities, exploring the different ways in which prejudice is expressed. The first study aimed to understand the evolution and configuration of prejudice towards homosexual people, by comparing results obtained at two different times; the second study had as main objective to analyze the possible multidimensionality of prejudices, more specifically, similarities and/or differences when directed to lesbians and when directed to gays.

The main results show that male participants showed more prejudices regarding homosexuality, with attitudes towards gays being more negative. Both for male and female homosexuality, attitudes are more negative, in both sexes, when there are explicit and direct manifestations of non-normative sexual orientations.

**Keywords:** sexual minorities, heterosexism, heteronormativity, homosexuality, prejudice, subtle prejudice

### Introdução

Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

Constituição da República Portuguesa

Numa sociedade em que cada vez mais assistimos à chamada de atenção para conceitos como a tolerância e a igualdade de direitos, as normas sociais são bem claras na condenação de atitudes e comportamentos discriminatórios face aos denominados grupos minoritários. Não obstante, as sociedades ocidentais atuais estão, ainda, ancoradas em padrões eminentemente homofóbicos e heterossexistas encarando qualquer forma de diversidade sexual com estranheza, preconceito e discriminação<sup>1</sup>.

Durante grande parte do século XX existiu em Portugal uma forte condenação da diversidade sexual, influenciada por algumas correntes científicas prevaletentes então, pelo regime ditatorial do Estado Novo e pela forte influência judaico cristã, que ajudaram a manter as condições ideológicas de condenação da homossexualidade<sup>2</sup>.

Durante os séculos XIX e XX as teorias que assolaram a Europa sobre as causas e natureza da homossexualidade, fizeram-se sentir também em Portugal, tendo sido desenvolvidos vários trabalhos sobre as «inversões» e «perversões sexuais»<sup>3</sup>. Legalmente, os comportamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram criminalizados e punidos.

São as modificações sócio históricas alcançadas, sobretudo, pela Revolução de 1974, bem como a adesão à União Europeia em 1986, que permitem uma reconfiguração dos normativos jurídico-legais face à homossexualidade (por exemplo, em 1982 foi retirada do Código Penal a punição da homossexualidade entre adultos) e, conseqüentemente, de atitudes e práticas culturais perante minorias sexuais<sup>4</sup>. Durante este período começaram

---

<sup>1</sup> Saavedra et. al., 2013.

<sup>2</sup> Carneiro, 2009.

<sup>3</sup> Moita, 2001.

<sup>4</sup> Carneiro, 2009.

também a surgir os primeiros movimentos ao nível da promoção de igualdade de direitos das pessoas homossexuais<sup>5</sup>.

Em 1995, é criada em Portugal a primeira organização não-governamental especificamente vocacionada para a defesa dos direitos das pessoas não heterossexuais: a Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, *Gay*, Bissexual e Transgénero. Nos anos subsequentes, outras associações e organizações de defesa dos direitos LGBTI (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transgénero e Intersexo) começam a surgir em Portugal (e.g. Rede *ex aequo*, Clube Safo, *Opus Gay*, ...). Estas associações foram desenvolvendo esforços de atuação baseados num princípio comum – a resistência a posições hegemónicas incapazes de responderem às necessidades das várias orientações sexuais<sup>6</sup>.

As primeiras ações desenvolvidas pelas associações LGBTI foram sobretudo direcionadas para regulamentações institucionais discriminatórias: relativas, ao ingresso na carreira militar – que considerava a «*homossexualidade e outras perversões sexuais*» como condição de inaptidão para o cumprimento da carreira; ou a regulamentação do Instituto Português de Sangue que, em 1999, excluía explicitamente os/as homossexuais da doação voluntária de sangue, por serem considerados sexualmente mais promíscuos/as do que os/as heterossexuais. Foi também reivindicada pelos movimentos LGBTI a reformulação do artigo 13º da Constituição Portuguesa (Princípio Fundamental da Igualdade), por não mencionar especificamente a orientação sexual como critério proibitivo de discriminação; esta situação foi alterada na revisão constitucional de 2005<sup>7</sup>.

Nos últimos anos, tem-se assistido a um alargamento dos direitos das pessoas homossexuais por toda a Europa e, Portugal, não ficou indiferente. Em 2001, alargaram-se os direitos sociais de cidadania a casais do mesmo sexo a viver em união de facto há mais de dois anos; em 2010, foi aprovado o casamento entre pessoas do mesmo sexo (Lei n.º 9/2010 de 31 de maio) e em 2016 foi publicada a Lei 2/2016, de 29 de fevereiro, que «*elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares*». No entanto, estes avanços não são sinónimo de não-discriminação da homossexualidade, já que vários são os casos de discriminação e violência relatados por lésbicas, *gays*, bissexuais e transgénero<sup>8</sup>.

Apesar de todas as mudanças sociais, políticas e legislativas, a investigação revela que o preconceito continua a subsistir, assumindo, contudo, formas mais subtis, que permitem

---

<sup>5</sup> Brandão, 2008.

<sup>6</sup> Carneiro, 2009.

<sup>7</sup> Carneiro, 2009.

<sup>8</sup> ILGA, 2018

que atitudes e comportamentos discriminatórios permaneçam com pouca ou nenhuma crítica e punição sociais. Os resultados da investigação nacional e internacional sugerem que, apesar do preconceito mais *flagrante* continuar presente, os argumentos e as atitudes começaram a manifestar-se de uma forma socialmente aceitável, o que, obviamente, não reflete um aumento vincado de visões igualitárias, mas sim a emergência de formas de preconceito *subtil*, menos detetável<sup>9</sup>.

### **Evolução do preconceito num contexto global de hegemonia heterossexual**

De modo a contextualizar esta evolução, importa apresentar alguns conceitos que, ao longo do tempo, foram desenvolvidos pela investigação *psi*, relativos às atitudes face à homossexualidade e, muitas vezes, conducentes à sua patologização.

Como primeiro marco histórico, surge em 1972 o termo *homofobia*, cunhado por George Weinberg, cuja definição consiste no medo irracional da homossexualidade, à semelhança de outras fobias descritas pela Psicologia<sup>10</sup>. Weinberg enfatizou ainda a relação entre o conceito de homofobia e as normas de género, sobretudo as masculinas, socialmente instituídas<sup>11</sup>. Estudos mais recentes, como os de Alden et. al. (2005), focam-se também na relação entre homofobia e a ideologia tradicional inerente aos papéis de género. A homofobia parece ser legitimada pela transgressão ou pela não-conformidade com as normas e com os papéis de género, uma vez que a heterossexualidade continua a ser ideologicamente associada a papéis de género masculinos e femininos normativos e a homossexualidade é vista como o equivalente à violação desses papéis<sup>12</sup>. Para Junqueira (2007), a homofobia é um fenómeno intrinsecamente relacionado com questões de género, que diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles focados em tornar natural, impor e legitimar uma única sequência de sexo-género-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regida por normas de género. Segundo Herek (2000), as críticas às limitações e a não-consensualidade em torno do termo homofobia, – por exemplo, o facto de sugerir que a hostilidade contra pessoas homossexuais representa uma condição clínica (fobia) e não um fenómeno social, semelhante ao racismo e ao antissemitismo – levaram à sua redefinição e ao surgimento de um novo conceito, amplamente aceite, denominado heterossexismo.

---

<sup>9</sup> Dovidio et. al., 2000; Gato et. al., 2012b; Krolikowski, 2011.

<sup>10</sup> Adam, 1998.

<sup>11</sup> Herek, 2004.

<sup>12</sup> Alden et. al., 2005; Herek, 2004; Junqueira, 2007; Rios, 2009.

Proposto por Morin, em 1977, o termo *heterossexismo* é definido como a promoção de um estilo de vida heterossexual em detrimento do estilo de vida homossexual, que, como tal, comporta um sentimento de marginalização da existência e da experiência de pessoas não-heterossexuais, no campo individual e institucional<sup>13</sup>. Por outras palavras, heterossexismo assume-se como a manifestação clara e direta de que o mundo *deveria ser* exclusivamente heterossexual<sup>14</sup>. Esta hegemonia heterossexual – *heteronormatividade* – implica que as construções sociais se desenvolvam no sentido de privilegiar a heterossexualidade sobre a não-heterossexualidade, remetendo à invisibilidade as orientações sexuais que não se enquadram nessa heteronorma<sup>15</sup>.

Em suma, tanto o heterossexismo, como a homofobia são conceitos que surgem ancorados: a) em padrões normativos de comportamento que distinguem *normal* e *desviante*; b) na forma como estes padrões atuam na objetificação e vitimização das minorias sociais e dos grupos marginalizados<sup>16</sup>. Tal demonstra como as instituições culturais desempenham um papel central na legitimação do estigma, mas também no poder de ajudar a reverter determinados panoramas sociais, mediante o reconhecimento de formas mais adequadas de pensamento e de atuação, a revisão das suas políticas e a vontade de se assumirem enquanto agentes de mudança social. Neste sentido, quando a Psicologia e restantes disciplinas implicadas na saúde mental concordaram, de forma consensual, que a homossexualidade não é uma doença mental, abalaram os pilares do heterossexismo e da justificação para o estigma sexual<sup>17</sup>.

Como segundo marco histórico, assistimos ao início da despatologização da orientação sexual homossexual, através da retirada, em 1973, por parte da *American Psychiatric Association*, da homossexualidade enquanto patologia da segunda edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-II)*. De modo semelhante, mas somente em 1991, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira a homossexualidade da sua lista de patologias, onde constava como uma «disfunção da heterossexualidade»<sup>18</sup>.

Na prática, não podemos ainda declarar a extinção integral de atitudes e comportamentos discriminatórios, embora nos confrontemos com uma maior perícia, por parte dos sujeitos, no controlo e na expressão dos mesmos, devido à existência de normas e valores sociais que explicitamente pressionam nesse sentido. Como tal, a investigação

---

<sup>13</sup> Samis, 1995.

<sup>14</sup> Alden et. al., 2005.

<sup>15</sup> Gato et. al., 2011.

<sup>16</sup> Samis, 1995.

<sup>17</sup> Herek, 2010.

<sup>18</sup> Vale de Almeida, 2010.

mais recente tem vindo a focar-se nas formas subtis de preconceito e estereotípias, menos evidentes, e por isso pouco compreendidas como maliciosas e estigmatizantes.

Nas últimas décadas, a investigação sobre o preconceito racial permitiu compreender que este se divide em dois tipos, um de estilo tradicional, em que o preconceito é manifestado através de comportamentos hostis contra as minorias e, um de estilo moderno que expressa o preconceito de forma subtil e encoberta<sup>19</sup>. Para esta diferenciação parecem ter contribuído a progressiva construção de uma sociedade multirracial e étnica, as mudanças no clima social e político que se deram após a segunda guerra mundial, o desenvolvimento de um novo sentido moral de igualdade, respeito e tolerância e, principalmente, a tendência das pessoas em assumirem-se, perante si mesmas e os outros, como indivíduos sem preconceito. No entanto, esta defesa de valores de aparente igualitarismo pode ser só mais um modo de privilegiar a cultura dominante, uma forma subtil de defender uma suposta superioridade biológica dos grupos majoritários<sup>20</sup>. Nega, assim, a sua natureza discriminatória, refugiando-se em pressupostos e afirmações implícitas, que escondem sentimentos negativos e que parecem aparentemente compatíveis com as normas de tolerância e igualdade<sup>21</sup>.

Vários estudos indicam que a investigação sobre a evolução do preconceito racial se estende ao caso do preconceito sexual (atitudes negativas especificamente formuladas com base na orientação sexual), uma vez que a igual presença de fortes pressões normativas a favor da igualdade e da tolerância parece contribuir para que o preconceito sexual se torne mais subtil e sofisticado, em vez de ser eliminado<sup>22</sup>.

A própria pressão decorrente das normas sociais em prol da erradicação de comportamentos discriminatórios em função da orientação sexual moldou a expressão de preconceito, alertando-nos para a multidimensionalidade do preconceito sexual e, por conseguinte, para as novas formas de discriminação, mais subtis.

As manifestações modernas (mais subtis) de preconceito sexual constroem-se a partir de premissas mais igualitárias, já aceites na generalidade das sociedades ocidentais. Operacionalizam-se em torno de ideias como: a) a discriminação anti-gay já não é um problema, pelo que as manifestações por parte das pessoas LGB são exageradas relativamente aos seus problemas e os movimentos LGB estão a exigir e a pressionar demasiado, no que respeita aos seus direitos; b) o casamento e a parentalidade, bem como

---

<sup>19</sup> Espelt et. al., 2006; Quiles del Castillo et. al., 2003.

<sup>20</sup> Quiles del Castillo et. al., 2003.

<sup>21</sup> Espelt et. al., 2006.

<sup>22</sup> Moral et. al., 2013; Pettigrew et. al., 1995.



o desempenho de papéis tradicionalmente associados à heterossexualidade, não devem estender-se a pessoas homossexuais; c) a celebração das diferenças ou especificidades das minorias sexuais marginalizadas já não são necessárias; d) a visibilidade/expressão das identidades lésbica e *gay* deve ser contida e restrita a contextos privados<sup>23</sup>.

Alguns estudos indicam que quão mais as pessoas LGB são diretas acerca da sua orientação sexual, maior é o sentido de discriminação<sup>24</sup>, assistindo-se a atos discriminatórios, cada vez mais de natureza subtil e expressos, maioritariamente, através de microagressões (e.g. não ser convidado/a para eventos sociais)<sup>25</sup>. As microagressões incluem expressões verbais, comportamentais ou contextuais de teor negativo. Podem ser propositadas ou realizadas de forma não intencional e são caracterizadas pela sua natureza hostil, insultante; podem ser direcionadas a uma determinada pessoa ou grupo, tendo em conta as suas características (e.g. etnia, género ou orientação sexual)<sup>26</sup>. Manifestam-se através de: a) microataques que resultam na utilização de discursos de ódio para designar a orientação sexual homossexual (e.g. *Camiona*)<sup>27</sup> ou no recurso a linguagem/piadas heterossexistas; b) microinsultos que assentam na premissa de ativamente ignorar ou colocar no espetro da invisibilidade a homossexualidade; c) microinvalidações que partem da suposição de que a homossexualidade é menos válida que a heterossexualidade (e.g. não convidar um/uma pai/mãe que seja homossexual para o dia da família, por não olharem para estas pessoas enquanto família)<sup>28</sup>.

Desta forma, mantem-se o preconceito sentido pelas pessoas homossexuais, que se estende a sistemas legais, institucionais e sociais, afetando a sua integração nos vários contextos (educacional, laboral, familiar, grupos de pares) e podendo originar também fragilidades ao nível da saúde e da sua segurança<sup>29</sup>.

### **Género e discriminações face a orientações sexuais não normativas**

A cultura é um veículo condutor da atividade humana, que determina através de uma série de valores e normas, os comportamentos e as vivências de todos/as os/as que nela se enquadram. São os princípios de cada cultura que definem e estruturam o que é, ou não, aceitável e, desde que nascemos que esses princípios nos são ensinados<sup>30</sup>.

---

<sup>23</sup> Gato et. al., 2014; Massey, 2009.

<sup>24</sup> Moraes, 2016; Smith et. al., 2004.

<sup>25</sup> Galupo et. al., 2016.

<sup>26</sup> Shelton et. al., 2011; Sue, 2010.

<sup>27</sup> Burn et. al., 2005

<sup>28</sup> Shelton et. al., 2011; Sue, 2010.

<sup>29</sup> Pinto et. al., 2014.

<sup>30</sup> Pereira et. al., 2012.

Normas que relacionam e unificam o sexo biológico ao gênero enquadram-se no sistema ideológico do heterossexismo e acabam por discriminar todos os comportamentos ou identidades que não se enquadrem neste sistema<sup>31</sup>. Esta unificação entre sexo biológico e gênero abre portas para a estereotipação de pessoas que não se enquadrem nas normas estabelecidas, nomeadamente as minorias sexuais. Fundamentalmente, esta discriminação acontece pois as pessoas homossexuais não se enquadram na ideologia estabelecida pela sociedade relativamente aos papéis de ser *menino* e *menina*, principalmente ao nível dos papéis sexuais esperados; portanto, a homossexualidade é vista como uma violação das normas de gênero<sup>32</sup>.

Embora não haja uma relação entre o comportamento sexual e a conformidade de gênero, a verdade é que os *gays* e as lésbicas são percebidos como *menos homens* ou *menos mulheres*<sup>33</sup>, não apenas por não terem uma orientação sexual normativa, mas também por crenças de que os homens homossexuais manifestam comportamentos considerados mais femininos e as mulheres lésbicas comportamentos mais masculinos<sup>34</sup>. Estas assunções acerca da homossexualidade podem ser explicadas pela (in)flexibilidade que existe nos papéis de gênero atribuídos de acordo com o sexo biológico já que, se por um lado existe uma maior flexibilidade nas fronteiras entre os comportamentos e expressões de gênero femininos<sup>35</sup>, por outro, as normas associadas às masculinidades são mais rígidas e consideradas superiores às femininas e, por conseguinte, os homens devem afastar-se completamente da feminilidade ou do que lhe é associado<sup>36</sup>. Existe assim uma forte pressão para a conformidade com os papéis considerados masculinos, associados à virilidade e ao afastamento do considerado feminino (em que a homossexualidade masculina está incluída). Apesar de, tanto as lésbicas como os *gays*, serem igualmente vistos/as como transgressores/as dos padrões normativos, principalmente ao nível do gênero e dos papéis sexuais<sup>37</sup>, alguns estudos sugerem que existem diferenças de gênero ao nível desta discriminação. Os resultados indicam que os homens heterossexuais manifestam mais preconceitos do que as mulheres heterossexuais, sendo os homens homossexuais mais discriminados que as mulheres homossexuais<sup>38</sup>. Porém, outros estudos mostram que as mulheres lésbicas são alvo de mais comportamentos discriminatórios, por

---

<sup>31</sup> Herek, 1990.

<sup>32</sup> Herek et. al., 1992.

<sup>33</sup> Correia, 2014.

<sup>34</sup> Pereira et. al., 2012.

<sup>35</sup> Amâncio, 1994.

<sup>36</sup> Halberstam, 1998.

<sup>37</sup> Evans, 2001.

<sup>38</sup> Gato et. al., 2010.

um lado, por serem mulheres e por outro por apresentarem uma orientação sexual não-normativa<sup>39</sup>. Vários/as autores/as apontam para a construção social da masculinidade (e todas as expectativas adjacentes a esta construção), como explicação para esta diferenciação entre *gays* e lésbicas<sup>40</sup>.

Esta categorização/rigidez dos papéis de gênero pode levar a dificuldades na expressão das identidades LGB, refletindo-se na integração destas pessoas nos vários contextos e grupos em que se inserem.

### **Influência dos preconceitos e discriminação nas vivências e construção identitária de lésbicas e *gays***

Consensualmente, a literatura científica indica que quando se verifica a predominância do heterossexismo e heteronormatividade numa determinada sociedade, pessoas que se enquadrem num grupo sexual minoritário sentem desconforto psicológico, não por causa da sua orientação sexual, mas sim pela consciência de que são parte integrante de uma minoria discriminada – *stress* das minorias<sup>41</sup>. Este conceito abrange uma série de *stressores* vivenciados de forma constante numa determinada cultura que exclui um determinado grupo por o considerar inferior, fazendo com que quem pertença a esse grupo seja alienado, marginalizado e oprimido existindo, ao mesmo tempo, uma internalização desses valores por parte dos membros desse grupo<sup>42</sup>. Meyer (1995) identifica três componentes principais quando refere este conceito: estigma percebido, comportamentos preconceituosos e a homofobia internalizada. O estigma percebido ocorre quando a pessoa sente que será tratada de forma diferente por não ter uma orientação sexual normativa; os comportamentos preconceituosos referem-se às manifestações preconceituosas e discriminatórias direcionadas a homossexuais e, por último, a homofobia internalizada refere-se à interiorização das visões negativas referentes à homossexualidade por parte de *gays* e lésbicas. Esta última resulta, então, da internalização de preconceitos que predominam em sociedades heterossexistas<sup>43</sup> e que, conseqüentemente, promovem ideias preconcebidas acerca de identidades que não se enquadrem na norma, levando a que as pessoas homossexuais possam interiorizar essas visões negativas e considerar que são psicologicamente doentes ou imorais. A exposição a estas mensagens surge desde muito cedo, até mesmo antes das pessoas homossexuais terem consciência de que o são, passando

---

<sup>39</sup> Carneiro, 2009.

<sup>40</sup> Amâncio, 1994; 2004; Halberstam, 1998.

<sup>41</sup> Smith et. al., 2004.

<sup>42</sup> Meyer, 1995; Smith et. al., 2004.

<sup>43</sup> Williamson, 2000

desta forma a considerar que a homossexualidade não é desejável. Quando a pessoa começa a identificar-se como homossexual surge um confronto entre os seus pensamentos preconceituosos internalizados e os seus sentimentos para com pessoas do mesmo sexo, o que pode resultar em baixa autoestima, culpa e vergonha, dificultando a aceitação da identidade sexual e a sua construção<sup>44</sup>. Para além disso, existem várias problemáticas que podem ser desencadeadas pela homofobia internalizada, designadamente comportamentos autodestrutivos, abuso de substâncias, distúrbios alimentares, mutilação e maior vulnerabilidade a ideação suicida (principalmente no caso de reações negativas no processo de *coming out*, de *bullying homofóbico* ou de tendência para utilização de drogas e/ou álcool como mecanismos de *coping*)<sup>45</sup>. Quando enquadrados/as em contextos ou grupos sociais que possam ser percebidos como preconceituosos ou discriminatórios, para além da homofobia internalizada ser uma consequência desses ambientes, o processo de *coming out* também é afetado<sup>46</sup> já que pode haver uma associação direta entre o processo de *coming out* e vitimização<sup>47</sup>.

O desenvolvimento da identidade sexual é um processo complexo e idiossincrático já que cada pessoa progride e atribui significados de forma diferente. Apesar de existirem vários modelos de construção da identidade sexual, dois grandes temas surgem consistentemente e parecem aplicar-se para a maioria das pessoas<sup>48</sup>. O primeiro tema relaciona-se com o processo das experiências internas que englobam sentimentos de *diferença* relativamente à norma, reconhecimento da atração por pessoas do mesmo sexo e a atribuição de significado a essas experiências. Seguidamente, surge o agir de acordo com esses sentimentos/ experiências (e.g. fantasias, comportamentos) e a procura de uma comunidade que possa ajudar a nível de informação, apoio social e criação de oportunidades de contacto com pessoas que possam servir como modelos de referência. O segundo tema reforça a importância da procura de oportunidades interpessoais, isto é, a procura de grupos semelhantes e afiliação/identificação com esse grupo e a criação de relações que possibilitem o contacto emocional e/ou sexual. O processo desta construção identitária e conseguinte *coming out* são muitas vezes complexos e podem até demorar uma vida inteira<sup>49</sup>; o processo de *coming out* é, por vezes, ocultado pelo medo de repercussões negativas que essa revelação possa vir a trazer, principalmente, por parte de pessoas mais

---

<sup>44</sup> Pettili, 2014.

<sup>45</sup> Williamson, 2000.

<sup>46</sup> Oliveira et. al., 2010

<sup>47</sup> D'Augelli et. al., 2001

<sup>48</sup> Brown, 2002

<sup>49</sup> Venâncio, 2010

próximas. A ocultação da identidade sexual pode levar a consequências nefastas para quem a esconde, nomeadamente desencadear sentimentos de negação, culpa e vergonha; propiciar um maior distanciamento dos grupos sociais (como amigos/as e/ou família) e aumentar a ansiedade nessas relações dificultando, por consequência, a procura de ajuda junto desses grupos<sup>50</sup>.

A revelação da identidade homossexual pode originar, como visto anteriormente, um conjunto de manifestações preconceituosas, mais ou menos subtis, entre as quais se destacam as microagressões, diferenciadas para lésbicas e *gays*. As microagressões dirigidas a mulheres estão relacionadas com estereótipos ligados à *orientação* sexual, à aparência (e.g. sugestões para se vestirem de forma mais feminina e/ou para se conformarem com os papéis de género esperados pela sociedade) e com a invalidação das suas relações amorosas. Mulheres lésbicas e bissexuais relatam ainda ser alvo de propostas de teor sexual por parte de homens heterossexuais, situação que não é relatada por homens homossexuais<sup>51</sup>.

Relativamente aos homens homossexuais, a microagressão mais comum é a utilização de linguagem heterossexista, mais especificamente, a utilização da palavra *gay* com conotação negativa e com o objetivo de ofender, particularmente utilizada e direcionada a pessoas consideradas como transgressoras das normas de género. A segunda microagressão mais comum relaciona-se com a imposição da masculinidade e dos papéis de género masculinos (e.g. não permitir que um rapaz jogue futebol porque é *gay*, assumindo que todos os homens *gays* são menos masculinos, ou até menos atléticos que homens heterossexuais), havendo o pressuposto de que todos os homens homossexuais são mais efeminados e havendo uma associação direta entre homossexualidade masculina e papéis de género femininos (e.g. a nível de interesses, comportamentos, escolhas profissionais...). E, por último, outra das microagressões relaciona-se com estereótipos, tanto positivos (e.g. vestem-se melhor ou são mais inteligentes) como negativos (e.g. são predadores sexuais/pedófilos). Embora os estereótipos positivos, à primeira vista, sejam tomados como elogios, na verdade trazem consequências negativas para quem são direcionados, já que colocam essas pessoas em *caixas* e, com o sentimento de que poderão não estar a corresponder às expectativas<sup>52</sup>.

Vários estudos indicam também que o sexo é um dos preditores mais fortes das atitudes negativas dirigidas a lésbicas e *gays*, apresentando os homens atitudes mais negativas que

---

<sup>50</sup> Pérez-Sancho, 2005

<sup>51</sup> Nadal et. al., 2016

<sup>52</sup> Nadal et. al., 2016

as mulheres. Para além do sexo, também o conhecimento e o grau de proximidade com pessoas LGB são fortes preditores dessas atitudes, já que, normalmente, quem conhece e/ou é mais próximo/a dessas pessoas terá menos atitudes negativas<sup>53</sup>.

Considerando este panorama de discriminação, Crenshaw (1989) argumentou que quando as pessoas são, consecutivamente, forçadas e colocadas em grupos minoritários por serem alvo de preconceitos relacionados com a sua identidade, dever-se-ia olhar para esta discriminação tendo em conta as várias características identitárias dessas pessoas e a forma como estas interagem. A esta análise apelidou-se de interseccionalidade, que se refere à forma como diferentes categorizações sociais (etnia, género, estatuto socioeconómico, orientação sexual, ...) interagem de forma a criar sistemas de opressão, domínio e discriminação<sup>54</sup>.

### **Estudo empírico: 1. objetivos, procedimentos de análise de dados, instrumentos e participantes**

A revisão teórica apresentada mostra de forma clara que a manutenção do heterossexismo e da heteronormatividade na sociedade atual tem evidentes impactos negativos nas pessoas com identidades sexuais não normativas, dificultando a sua integração nos vários contextos e afetando as suas relações com os grupos sociais e até consigo mesmas.

Tendo em conta as consequências dos preconceitos nas vivências das pessoas homossexuais e a importância que a sua compreensão e possível desconstrução poderia ter para estas pessoas, foram delineados dois estudos que visam analisar as manifestações e multidimensionalidade dos preconceitos em função da orientação sexual.

#### *Objetivos*

A investigação mais recente revela que o preconceito sexual se tornou progressivamente mais subtil e sofisticado, o que nos alerta para a necessidade de analisar as suas manifestações mais atuais.

Assim, o primeiro estudo pretendia compreender a evolução e configuração do preconceito face a pessoas homossexuais, através da comparação de resultados obtidos em dois momentos diferentes – 2013 e 2016<sup>55</sup>.

Considerando que a grande maioria das investigações que avalia as atitudes face à homossexualidade não faz distinção entre preconceitos dirigidos a lésbicas e a gays,

---

<sup>53</sup> Bartos, et. al., 2014; Gato et. al., 2012b

<sup>54</sup> Proctor et. al., 2017.

<sup>55</sup> Bota, 2017

o segundo estudo tinha como objetivo principal analisar a eventual multidimensionalidade dos preconceitos, mais especificamente, semelhanças e/ou diferenças quando direcionados a lésbicas e quando direcionados a gays<sup>56</sup>.

Em ambos os estudos procurou-se perceber se existem diferenças nas manifestações de preconceitos em função de variáveis pessoais e sociodemográficas, avaliadas através de um questionário sociodemográfico: sexo, idade, posição política (de «extrema esquerda» a «extrema direita»), posição religiosa (de «nada religioso/a» a «muito religioso/a»), conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB.

#### *Procedimentos de análise de dados*

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e analisados através da aplicação de análise estatística IBM® SPSS®. Em termos de procedimentos estatísticos, foram realizadas: 1. *Análises psicométricas* das escalas utilizadas para avaliar a sua validade e fiabilidade de constructo (fidelidade). A validade indica se os resultados medem realmente o que pretendem medir, relacionando-se, com a congruência do instrumento<sup>57</sup>. A verificação da validade foi realizada através de análises fatoriais exploratórias (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais com rotação ortogonal (*varimax*); a adequabilidade das AFE foi avaliada através do teste de esfericidade de Bartlett e do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), de acordo com os critérios de classificação definidos por Marôco (2014). Partindo do pressuposto que uma série de variáveis podem ser explicadas por um número menor de fatores, a análise fatorial permite explicar as relações existentes entre as variáveis estudadas (itens), determinar os fatores (subescalas) a ser extraídos e os itens a estes associados, assim como a percentagem de variância explicada por cada fator. Por outro lado, a fiabilidade tem a ver com a exatidão do instrumento e baseia-se na sua consistência interna: grau de coerência que existe entre as respostas a cada um dos itens de uma escala<sup>58</sup>. Neste estudo, a fiabilidade foi avaliada através do coeficiente *alpha* de Cronbach, considerando-se adequados valores iguais ou superiores a 0,70. 2. *Análises descritivas* para caracterização dos/as participantes e suas respostas, com recurso, nomeadamente a frequências, médias e desvios-padrão, de acordo com a natureza das variáveis). 3. *Análises inferenciais* dos resultados obtidos, com o intuito de responder aos objetivos de investigação e verificar se possíveis diferenças entre as características dos/as participantes afetavam as suas respostas; recorreu-se para tal

---

<sup>56</sup> Santos, 2018

<sup>57</sup> Pasquali, 2011.

<sup>58</sup> Almeida et. al., 2007.

a testes *t-student* (t) e ANOVA *oneway* (F), que permitem analisar diferenças de médias nas respostas dos/as participantes em função das variáveis em estudo (e.g. sexo, idade, posição política, posição religiosa, grau de proximidade com pessoas LGB) e verificar se essas diferenças são (ou não) estatisticamente significativas (consideram-se estatisticamente significativas as diferenças de médias entre grupos cujo *p-value* seja inferior ou igual a 0,05:  $p \leq 0,05$ ); 4. *Análise de correlações* (coeficiente de correlação de Pearson – *r*), para verificar a existência de associação entre variáveis e entre os fatores das escalas, bem como a direção (positiva ou negativa) e magnitude (entre -1 e +1) dessa associação<sup>59</sup>.

#### *Instrumentos*

Para a recolha de dados, para além do questionário sociodemográfico, foi utilizada como instrumento de base a Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a *Gays* – EMAFLG<sup>60</sup>. A EMAFLG avalia as atitudes face à homossexualidade e é constituída por 27 itens, e serve-se, como meio de resposta, de uma escala tipo *Likert* com 6 níveis de concordância (1 = discordo completamente; 2 = discordo muito; 3 = discordo um pouco; 4 = concordo um pouco; 5 = concordo muito; 6 = concordo completamente).

Esta escala foi escolhida por se encontrar adaptada à população portuguesa e por nos permitir avaliar manifestações tradicionais e contemporâneas do preconceito relativamente a pessoas não heterossexuais. De acordo com Gato et. al. (2012b), para além da avaliação mais clássica do preconceito (que se manifesta através da aversão emocional, da rejeição da proximidade ou do evitamento), devemos também ter em conta as suas manifestações mais modernas, nas quais o cariz dissimulado do preconceito emerge de modo a persistir em sociedades nas quais atitudes discriminatórias flagrantes são menos aceites. Assim, o recurso a um instrumento capaz de avaliar a multidimensionalidade do preconceito, permite-nos analisar níveis mais complexos e dissimulados de atitudes face a lésbicas e a *gays*.

Os estudos de validação da EMAFLG<sup>61</sup> mostraram que os itens desta escala se distribuem por quatro dimensões (ou subescalas). Três dessas subescalas estão relacionadas com diferentes tipos de atitudes e opiniões negativas acerca da homossexualidade e das pessoas homossexuais. Dessas, duas são de carácter mais tradicional (*Rejeição da proximidade* e *Homopatologização*) e uma possui um carácter mais contemporâneo (*Heterossexismo moderno*). A quarta subescala está relacionada com

---

<sup>59</sup> Marôco, 2014; Pallant, 2007.

<sup>60</sup> Gato, et. al., 2012b.

<sup>61</sup> Gato et. al., 2012b; Gato et. al., 2014.



atitudes positivas face à homossexualidade e às pessoas homossexuais (*Suporte*). A subescala de *Rejeição da Proximidade (RP)* corresponde ao preconceito na sua aceção clássica e é composta por itens que traduzem hostilidade e evitamento da interação com lésbicas e *gays*, em diversos contextos sociais, bem como a manifestação de emoções negativas direcionadas a estas pessoas (ex.: Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas). A subescala de *Homopatologização (HP)* é composta por itens que dizem respeito à condenação moral e à patologização de lésbicas e *gays* (ex.: *As lésbicas e os gays deveriam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual*). A subescala de *Heterossexismo Moderno (HM)* diz respeito a expressões mais contemporâneas do preconceito face a lésbicas e *gays*, sendo composta por itens que se referem ao desconforto com a expressão da identidade lésbica e *gay* e com o desempenho, por parte de lésbicas e *gays*, de papéis tradicionalmente associados à heterossexualidade, como, por exemplo, o casamento e a parentalidade (ex.: *Celebrações como o “dia do orgulho gay” são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho*). Por último, a subescala de *Suporte (S)*, é composta por itens de conteúdo positivo e está relacionada com o apoio concedido a *gays* e lésbicas, no que respeita, por exemplo, aos seus direitos (ex.: *As lésbicas e os gays ainda precisam de lutar por direitos iguais*).

Para a realização do segundo estudo, que visava especificamente a análise de semelhanças e/ou diferenças dos preconceitos direcionados a lésbicas e a *gays*, procedeu-se à reestruturação e adaptação da EMAFLG e à construção de dois questionários destinados, especificamente, a avaliar as atitudes e opiniões sobre a homossexualidade masculina e feminina – Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM) e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF).

No que se refere à EMAFLG, após consentimento do autor, realizou-se um estudo exploratório<sup>62</sup> para a sua reestruturação e adaptação. Mantiveram-se 20 itens da escala original, referentes a aspetos mais gerais sobre homossexualidade (ex.: *Se realmente quisessem, as lésbicas e os gays poderiam ser heterossexuais; As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem; Um programa escolar de educação sexual deveria referir-se a todas as orientações sexuais; A crescente aceitação da homossexualidade na nossa sociedade está a contribuir para a deterioração dos valores morais*). Este novo instrumento foi denominado de Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS).

---

<sup>62</sup> Field, 2009.

Tendo em conta os objetivos deste estudo, para tentar perceber se existem diferenças/semelhanças nos preconceitos face a *gays* e lésbicas foram construídos dois instrumentos que pudessem satisfazer esse propósito. A sua construção teve como base a revisão de literatura e implicou a utilização e adaptação de alguns itens da EMAFLG e a realização de entrevistas individuais (a duas lésbicas, dois *gays* e duas pessoas bissexuais), de forma a obter-se um maior entendimento acerca do tipo de preconceitos e discriminação sentida nos diferentes contextos e grupos sociais em que estão inseridos/as, bem como de comportamentos que pudessem ocultar ou reprimir para não serem discriminados/as. Após as entrevistas, adaptaram-se e incluíram-se nos novos instrumentos sete itens da EMAFLG (correspondentes à dimensão Rejeição de Proximidade) e criaram-se mais 19 itens, equivalentes nas duas escalas e específicos para a homossexualidade feminina e masculina, relacionados com temáticas sobre a rejeição de proximidade, normas de género, visibilidade e homonegatividade. Utilizando uma primeira versão dos questionários, realizou-se um *focus* grupo com quatro pessoas heterossexuais (duas do sexo feminino e duas do sexo masculino), para testar os itens e perceber se eram compreensíveis e se traduziam os preconceitos e discriminação mencionados na literatura e pelos/as participantes nas entrevistas.

Após a sua testagem, obtiveram-se dois instrumentos, específicos para a homossexualidade masculina e feminina, cada um com 27 itens equivalentes referentes a temáticas pouco exploradas na distinção de preconceitos direcionados a *gays* e a lésbicas, distintamente, relacionadas com a visibilidade (e.g. *Não tenho nada contra gays desde que não sejam muito femininos; As lésbicas devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos*), proximidade de pessoas LGB (e.g. *Nas eleições não votaria num candidato que fosse gay; Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse lésbica*), normas de género (e.g. *Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual; Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculina do que os homens, sinto-me desconfortável*) e preconceitos de foro mais tradicional (e.g. *As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade; Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada*).

#### *Participantes*

Tendo em conta os seus objetivos específicos, a recolha de dados do primeiro estudo foi efetuada em dois momentos diferentes (2013 e 2016), com recurso, em cada um dos anos,

a métodos de amostragem probabilística ou aleatória simples<sup>63</sup>, mediante a disponibilização de um questionário *online*.

A recolha de dados para o segundo estudo foi feita através do recurso a uma amostra de conveniência, utilizando o método *snowball*<sup>64</sup> para tentar obter uma amostra o mais diversificada possível, tanto ao nível de faixa etária, como de ocupação, grau de escolaridade e posições política e religiosa; no caso da população mais idosa, a recolha de dados foi feita diretamente junto de associações de reformados. Os dados foram obtidos utilizando questionários em formato de papel, de autopreenchimento (com duração de cerca de 20 minutos), que no final eram colocados num envelope e selados. Com participantes mais idosos/as que apresentavam algum tipo de debilitação física (e.g. comprometimentos ao nível da visão) ou algumas limitações ao nível da leitura e escrita, optou-se por passar os questionários individualmente, lendo e explicando as várias questões e apontando as respostas, num método próximo da entrevista; cada aplicação demorou entre 45 minutos a 1 hora.

Em ambos os estudos foi pedido a todos/as os/as participantes consentimento para a participação no estudo, sendo assegurado o anonimato e a confidencialidade.

Participaram nestes estudos pessoas de todo o país, embora as amostras fossem maioritariamente constituídas por participantes oriundos dos distritos do sul (de Santarém a Faro): cerca de 78% no estudo 1 e de 60% no estudo 2.

Foram excluídos todos os questionários de pessoas que se identificaram como LGB e de menores de 16 anos.

De uma forma mais específica, a amostra do Estudo 1 foi constituída, em 2013, por 369 pessoas, das quais 62,9% do sexo feminino; em 2016, a amostra era equivalente, sendo composta por 315 pessoas (67,3% do sexo feminino). As idades dos/as 684 participantes estavam compreendidas entre os 18 e os 67 anos (média = 30; mediana = 27; desvio padrão = 9,6). No tocante à situação profissional, a amostra era constituída por 28,7% de estudantes e por 68,1% trabalhadores/as (no ativo ou desempregados/as). A grande maioria das pessoas (74,4%) tinha formação ou era estudante de nível superior. 75,7% dos/as participantes conhecia pessoas que se identificavam como LGB. Quanto à posição política, verificou-se um enviesamento à esquerda, com 30,4% das pessoas a situar-se à esquerda, 50,1% ao centro e 19,5% à direita do espectro político. No que se refere à posição religiosa, 32,7% das pessoas considerava-se «nada religiosa», 32,8% «pouco ou moderadamente religiosa» e 34,5% «religiosa ou muito religiosa».

---

<sup>63</sup> Marôco, 2014.

<sup>64</sup> Marôco, 2014.

Quanto ao Estudo 2, a amostra foi constituída por 251 pessoas (126 do sexo masculino), de idades compreendidas entre os 16 e os 86 anos (média = 37; mediana = 31; desvio padrão = 18,1). No que respeita à situação profissional, 30,7% amostra era composta por estudantes, 56,2% por trabalhadores/as (no ativo ou em situação de desemprego) e 13,1% por reformados/as; 42% das pessoas tinha formação ou era estudante de nível superior. A grande maioria dos/as participantes (85,3%) conhecia pessoas que se identificavam como LGB. Relativamente à posição política, 25,9% das pessoas situava-se à esquerda, 51,1% ao centro e 23% à direita do espectro político. No respeitante à posição religiosa, 36,7% das pessoas considerava-se «nada religiosa», 37,8% «pouco ou moderadamente religiosa» e 25,5% «religiosa ou muito religiosa».

### **Estudo empírico: apresentação e discussão dos resultados**

#### *Estudo 1: Evolução e configuração do preconceito face a pessoas homossexuais*

Conforme exposto anteriormente, neste estudo pretendia-se comparar, em amostras equivalentes e em dois momentos diferentes (2013 e 2016), a evolução e configuração do preconceito face a pessoas homossexuais<sup>65</sup>.

Em primeiro lugar foi analisada a fiabilidade da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays – EMAFLG, através da análise da consistência interna, com base no coeficiente *alpha* de Cronbach<sup>66</sup>. Os valores obtidos em todas as subescalas foram superiores a 0,70, indicando uma consistência interna adequada e confirmando a sua fidedignidade<sup>67</sup>.

Relativamente às médias obtidas nas dimensões da EMAFLG (avaliadas numa escala de 1 a 6), em ambos os momentos verificaram-se valores relativamente baixos nas subescalas relacionadas com o preconceito, quer mais tradicional, *Rejeição da proximidade* (médias, respetivamente, de 1,54 e 1,46) e *Homopatologização* (médias de 1,58 e 1,35), quer mais subtil, *Heterossexismo moderno* (médias de 2,85 e 2,57); já a subescala de *Suporte* foi a que obteve valores mais elevados (4,60 e 4,46). Em todas as subescalas se verifica uma diminuição das médias entre 2013 e 2016, embora as diferenças de médias apenas fossem estatisticamente significativas nas subescalas *Homopatologização* ( $p < 0,001$ ) e *Heterossexismo moderno* ( $p < 0,001$ ). Embora este decréscimo nos valores das médias tenha sido comum a ambos os sexos, existem diferenças entre participantes do sexo feminino e masculino. Assim, quer em 2013, quer em 2016,

---

<sup>65</sup> Bota, 2017.

<sup>66</sup> Cf. Bota, 2017

<sup>67</sup> Marôco et. al., 2006

verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre mulheres e homens nas médias de todas as subescalas, com as pessoas do sexo feminino a evidenciarem valores mais baixos nas subescalas de preconceito e mais elevadas na subescala de suporte. Estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos<sup>68</sup>, que mostram que os homens revelam mais atitudes negativas face à homossexualidade do que as mulheres e que, conseqüentemente, estas prestam mais suporte e valorizam mais os direitos de pessoas não-heterossexuais. De uma forma global, a análise dos resultados parece evidenciar, em 2016, valores mais baixos de preconceito em função da orientação sexual; contudo, este decréscimo surge associado a médias mais baixas na escala de *Suporte*, o que parece indicar que, ao manifestarem atitudes mais positivas face a orientações sexuais não normativas, os/as participantes consideram ter também diminuído a necessidade de suporte a estas pessoas.

Tendencialmente, em ambos os momentos, as pessoas mais velhas ( $\geq 35$  anos) tendem a manifestar atitudes mais preconceituosas e de menor suporte face a pessoas homossexuais (no entanto as correlações entre a idade e as subescalas não foram estatisticamente significativas).

Também o conhecimento (ou não) de pessoas lésbicas ou *gays* influenciou os resultados obtidos, em ambos os momentos: participantes que conhecem pessoas homossexuais diferem estatisticamente dos/as restantes na manifestação de atitudes negativas e positivas, evidenciando, em todas as subescalas, valores mais baixos de preconceito e mais elevados de suporte (em todas as subescalas as diferenças de média foram estatisticamente significativas, em 2013 e em 2016). Estes resultados mostram que as relações e a interação com pessoas não-heterossexuais, em diferentes contextos e papéis sociais, se relacionam com uma menor expressão de preconceito em função da orientação sexual e uma maior perceção da necessidade de suporte à diversidade e igualdade sexual.

De uma forma global, a manifestação de atitudes negativas face a pessoas homossexuais teve valores mais baixos em 2013 do que em 2016, independentemente do posicionamento político dos/as participantes. No entanto, em ambos os momentos do estudo, o posicionamento político dos/as participantes refletiu-se nas suas respostas, com as pessoas que se situavam mais à esquerda do espectro político a evidenciarem atitudes mais positivas e menos discriminatórias face a pessoas LGB. No entanto, uma análise mais fina mostra que existe uma variação nos resultados em função do ano de resposta. Assim, em 2013 verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os/as participantes

---

<sup>68</sup> Cf. Gato et. al., 2012b

mais à esquerda e mais à direita em todas as subescalas; já em 2016, apenas se verificaram diferenças significativas entre participantes mais à esquerda e mais à direita nas subescalas de *Homopatologização* ( $p = 0.029$ ) e de *Heterossexismo moderno* ( $p < 0,001$ ). Estes resultados indiciam que parece ter existido uma certa matização na diferenciação entre esquerda/direita no que se refere à manifestação de atitudes discriminatórias face a pessoas LGB, especialmente no que diz respeito a formas mais clássicas de preconceito, como hostilidade, evitamento da interação e expressão de emoções negativas direcionadas a pessoas homossexuais. Mantém-se, no entanto, a diferenciação esquerda/direita no tocante à condenação moral e à patologização de lésbicas e gays e à manifestação de expressões mais contemporâneas do preconceito (designadamente o desconforto com a visibilidade da identidade homossexual e o desempenho de papéis tradicionalmente associados à heterossexualidade), com as pessoas situadas mais à direita do espectro político a assumirem atitudes mais negativas.

Também no que diz respeito à posição religiosa, os resultados deste estudo mostram médias mais baixas em 2016 nas atitudes discriminatórias face a pessoas LGB, nos três grupos considerados (nada religiosos/as, pouco ou moderadamente religiosos/as e religiosos/as ou muito religiosos/as), embora de forma não linear. Assim, em 2013, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nas médias dos/as participantes nas subescalas *Rejeição da proximidade* ( $p = 0,004$ ) e *Homopatologização* ( $p = 0,028$ ), com as pessoas que se consideravam «nada religiosas» a reportarem menos manifestações hostis de preconceito do que as pessoas com algum grau de religiosidade. Os resultados obtidos em 2016 mostram a existência de estatisticamente significativas nas médias dos/as participantes somente na subescala *Heterossexismo Moderno* ( $p = 0,004$ ), com as pessoas que se consideravam «religiosas ou muito religiosas» a manifestarem valores mais elevados nas manifestações mais subtis de preconceito. De uma forma geral, estes resultados mostram: a) que, de 2013 para 2016, as diferenças entre grupos, no que respeita ao posicionamento religioso, deixam de ser nas dimensões relacionadas com o preconceito mais tradicional e aversivo, e passam a ser mais evidentes nas manifestações mais subtis de preconceito; b) que o grau de religiosidade está relacionado com a expressão de preconceito em função da orientação sexual, na medida em que pessoas que se consideram mais religiosas manifestam atitudes mais hostis e menos suporte à diversidade sexual.

## **Estudo 2: Configuração do preconceito face a lésbicas e a gays**

Conforme referido anteriormente, este estudo tinha como objetivo principal verificar a existência de semelhanças e diferenças na manifestação de preconceitos direcionados a lésbicas e direcionados a *gays*<sup>69</sup>. Para tal, procedeu-se à reestruturação e adaptação da EMAFLG nos moldes já descritos, tendo o novo instrumento sido denominado de Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS). Foram também construídos dois novos questionários destinados a avaliar as atitudes sobre a homossexualidade masculina (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina – QOHM) e feminina (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina – QOHF).

Após verificação dos pressupostos estatísticos, foi efetuada a análise psicométrica dos questionários, com o intuito de avaliar a sua validade e fiabilidade<sup>70</sup>. A análise fatorial exploratória do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual – QOOS levou à eliminação de quatro itens e à obtenção de uma estrutura fatorial com três fatores, explicativos de 52,95% da variância total. O primeiro fator, que agrupa 8 itens, corresponde à dimensão de *Rejeição de Proximidade*, expressão mais clássica de preconceito, relacionando-se com a rejeição e/ou evitamento da convivência com pessoas LGB. O segundo fator, composto por 5 itens, diz respeito à dimensão da *Homopatologização* e refere-se a atitudes relacionadas com a condenação moral da homossexualidade e sua patologização. Finalmente, o terceiro fator foi denominado de *Suporte*, já que agrupa 4 itens relativos a expressões positivas face à visibilidade e expressão de identidades LGB. Os valores de consistência interna de cada uma das subescalas foram adequados (superiores a 0,70), confirmando a sua fidedignidade.

Foram também realizadas análises fatoriais exploratórias do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM) e do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF), após verificação dos respetivos pressupostos estatísticos.

A análise fatorial exploratória do QOHM levou à eliminação de 5 itens e à obtenção de uma estrutura fatorial com 4 fatores, explicativos de 55,33% da variância total. O primeiro fator, *Rejeição de Proximidade*, agrupou 8 itens relacionados com o evitamento e manifestação de emoções negativas direcionadas a pessoas LGB (e.g. *Os gays enervam-me*). O segundo fator, constituído por 6 itens, foi denominado *Homonegatividade*

---

<sup>69</sup> Santos, 2018.

<sup>70</sup> Cf. Santos, 2018.

*Tradicional*, dizendo respeito à manifestação de atitudes aversivas de natureza mais clássica, tendo como base questões morais e/ou religiosas em que as pessoas homossexuais são tomadas como transgressoras (e.g. *No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres*)<sup>71</sup>. O terceiro fator, com 5 itens, foi denominado *Visibilidade/Expressão de Género* e diz respeito ao desconforto sentido pela crescente visibilidade por parte de pessoas LGBT, seja ela relacionada com a expressão de diferentes vivências ou direcionada para a privatização de comportamentos considerados desadequados para os espaços públicos e/ou contextos sociais (e.g. *Não tenho nada contra gays desde que não sejam muito femininos; Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em público*). Por último, o quarto fator, com 3 itens, foi denominado *Transgressão das normas de género/Assunções sobre a homossexualidade*, referindo-se à percepção de transgressão dos papéis normativos (e.g. *Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual*). Desde que nascemos que nos são atribuídos papéis normativos de acordo com o nosso sexo biológico. Esses papéis envolvem não só comportamentos, mas também formas de vestir ou de expressar sentimentos, determinando ainda o que é ideal em termos de relações amorosas (homem e mulher); quem não se encaixa nesses papéis construídos socialmente, é visto/a como transgressor/a das normas de género<sup>72</sup>. Os valores de consistência interna de cada uma das subescalas foram adequados (superiores a 0,70).

A realização da análise fatorial exploratória do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF) levou também à eliminação de 5 itens e à extração de 4 fatores explicativos de 57,94% da variância total. O primeiro fator agrupa 7 itens e foi denominado de *Homonegatividade Tradicional* (e.g. *As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade*); o segundo, também com 7 itens, foi nomeado *Visibilidade/Expressão de Género* (e.g. *É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de crianças*); o terceiro fator, com 4 itens, refere-se à *Rejeição de Proximidade* (e.g., pela negativa, *Se fosse pai ou mãe aceitaria se a minha filha fosse homossexual*); por último, o quarto fator, com 4 itens, foi designado *Transgressão das normas de género/Assunções sobre a homossexualidade* (e.g. *As mulheres que praticam desportos violentos são, geralmente, lésbicas*). Os valores obtidos relativamente à fidedignidade de cada subescala foram adequados.

Comparando a análise fatorial exploratória aos dois questionários, percebemos que o tipo de manifestação de preconceitos é semelhante, com os mesmos fatores agrupando

---

<sup>71</sup> Gato et. al., 2011.

<sup>72</sup> Carneiro, 2009.



itens equivalentes. No entanto, a estrutura fatorial revelou-se distinta, indiciando atitudes diferenciadas face à homossexualidade masculina e feminina.

Tal como já se havia verificado no estudo anterior, as médias obtidas nas dimensões do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual – QOOS, avaliadas numa escala de 1 a 6, apresentaram valores relativamente baixos nas subescalas relacionadas com o preconceito (média de 2,06 no fator *Rejeição de Proximidade* e de 2,37 no fator *Homopatologização*) e valores mais elevados para a dimensão de *Suporte* (média de 3,85).

Situação semelhante verificou-se nas médias obtidas nos fatores dos questionários de opinião sobre a homossexualidade masculina (QOHM) e feminina (QOHF) nas dimensões mais relacionadas com manifestações de preconceito mais tradicional: *Rejeição de Proximidade* (média de 2,00 no QOHM e de 2,02 no QOHF) e *Homonegatividade Tradicional* (média de 2,38 no QOHM e de 2,09 no QOHF). O fator *Transgressão das normas de género/Assunções sobre a homossexualidade* teve média de 2,72 no QOHM e de 1,90 no QOHF. Já o fator *Visibilidade/Expressão de Género* apresentou médias mais elevadas, em ambos os questionários (média de 3,43 no QOHM e de 2,96 no QOHF), o que remete para o desconforto no confronto com orientações sexuais não normativas, seguindo a premissa de «Desde que eles não mostrem»<sup>73</sup>. Os testes de comparação de médias permitiram verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas na manifestação de atitudes face à homossexualidade masculina e feminina nas dimensões *Homonegatividade Tradicional* ( $t = 8,39$ ;  $p < 0,001$ ) *Visibilidade* ( $t = 11,06$ ;  $p < 0,001$ ) e *Transgressão das normas de género* ( $t = 13,52$ ;  $p < 0,001$ ) sempre com valores significativamente mais elevados para a homossexualidade masculina, indicando atitudes mais preconceituosas face a *gays*.

Relativamente à manifestação de preconceito em participantes dos sexos feminino e masculino, os resultados evidenciaram a existência de diferenças estatisticamente significativas em diversas dimensões dos três questionários. Assim, no que se refere às opiniões sobre a orientação sexual, os homens apresentam atitudes significativamente mais preconceituosas que as mulheres nas dimensões *Rejeição da Proximidade* ( $t = 3,10$ ;  $p = 0,002$ ; médias, respetivamente, de 2,25 e 1,86) e *Homopatologização* ( $t = 3,89$ ;  $p < 0,001$ ; médias, respetivamente, de 2,62 e 2,12). O mesmo se verificou relativamente às opiniões sobre a homossexualidade masculina, com os homens a evidenciarem valores significativamente mais elevados que as mulheres nas dimensões *Rejeição de Proximidade* ( $t = 3,94$ ;  $p < 0,001$ ; médias, respetivamente, de 2,26 e 1,75), *Homonegatividade*

---

<sup>73</sup> Pelixo, 2014

*Tradicional* ( $t = 3,14$ ;  $p = 0,002$ ; médias de 2,58 e 2,18, respetivamente) e *Visibilidade* ( $t = 4,71$ ;  $p < 0,001$ ; médias de 3,81 e 3,06, respetivamente). Quanto às opiniões sobre a homossexualidade feminina, apenas nestas duas últimas dimensões se verificaram diferenças entre homens e mulheres, sempre com valores significativamente mais elevados nos participantes do sexo masculino. Na dimensão *Homonegatividade Tradicional* as médias foram, respetivamente, de 2,28 e 1,89 ( $t = 3,03$ ;  $p = 0,003$ ), enquanto que na dimensão *Visibilidade* se verificou uma média de 3,22 no sexo masculino e de 2,70 no sexo feminino ( $t = 3,31$ ;  $p = 0,001$ ). Percebemos assim que os participantes do sexo masculino têm atitudes mais negativas que as participantes do sexo feminino, tanto para a homossexualidade masculina como feminina; no entanto, ambos os sexos revelam atitudes mais discriminatórias para com a homossexualidade masculina.

Tal como se verificou no Estudo 1, os resultados mostram que, à medida que a idade vai aumentando, o preconceito relativamente à homossexualidade aumenta também. Com efeito, as pessoas mais velhas manifestaram atitudes mais negativas que os/as participantes mais novos/as nas opiniões face à orientação sexual e face a lésbicas e *gays*, designadamente no sentido de patologização e condenação moral da homossexualidade: verificaram-se correlações positivas e significativas entre a idade e as dimensões *Rejeição de Proximidade* (nas três escalas), *Homopatologização* (nas três escalas), *Homonegatividade Tradicional* (QOHM e QOHF), *Visibilidade* (QOHM e QOHF) e *Transgressão das Normas de Género* (apenas no QOHF). É de realçar que no fator *Transgressão das Normas de Género* do QOHM não se verificou uma correlação significativa entre idade e manifestação do preconceito, indicando que, independentemente da idade, aspetos relacionados com a transgressão das normas de género no sexo masculino são os menos aceites por todos/as os/as participantes.

O conhecimento de pessoas lésbicas ou *gays* influenciou as manifestações de preconceito face à orientação sexual e à homossexualidade masculina e feminina. Assim, os/as participantes que conhecem pessoas LGB evidenciam, de forma estatisticamente significativa, atitudes menos discriminatórias face à orientação sexual que as pessoas que não conhecem, nas dimensões *Rejeição de Proximidade* (médias, respetivamente de 1,96 e 2,61;  $t = 3,16$ ;  $p = 0,003$ ) e *Homopatologização* (médias, respetivamente de 2,23 e 3,19;  $t = 4,29$ ;  $p < 0,001$ ). Da mesma forma, manifestam atitudes menos discriminatórias face a *gays* e a lésbicas. Assim, no que se refere ao QOHM, verificam-se diferenças estatisticamente significativas nos fatores *Rejeição de Proximidade* (médias, respetivamente de 1,87 e 2,79;  $t = 4,14$ ;  $p < 0,001$ ) e *Homonegatividade Tradicional* (respetivamente, médias de 2,27 e 2,96;  $t = 3,92$ ;  $p < 0,001$ ). Também no que respeita ao

QOHF, se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos mesmos fatores. Assim, no fator *Rejeição de Proximidade* a média das pessoas que conheciam pessoas lésbicas ou gays foi de 1,92, enquanto que a média das pessoas que não conheciam foi de 2,59 ( $t = 3,46$ ;  $p = 0,001$ ); na dimensão *Homonegatividade Tradicional* as médias foram, respetivamente, de 1,98 e 2,67 ( $t = 3,21$ ,  $p = 0,002$ ).

Resultados similares foram obtidos quando se analisou o grau de proximidade em relação a pessoas LGB. Participantes com maior grau de proximidade expressaram, de forma estatisticamente significativa, atitudes menos preconceituosas, quer quanto à orientação sexual no geral, quer, de forma mais específica, a gays e lésbicas (exceto, em ambas as situações, na dimensão *Transgressão das Normas de Género*, em que a variável grau de proximidade não se relacionou com as respostas obtidas). Em todos os casos, a homossexualidade masculina é encarada de forma mais negativa que a feminina.

O posicionamento político dos/as participantes influenciou as suas respostas, quer no respeitante às opiniões sobre orientação sexual, quer nas opiniões face à homossexualidade feminina e masculina. Mas, tal como se verificou no Estudo 1, esta influência não é linear, antes apresentando algumas *nuances* conforme as variáveis em análise. Assim, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no fator *Rejeição de Proximidade* ( $F = 4,94$ ;  $p = 0,008$ ) e no fator *Suporte* ( $F = 5,06$ ;  $p = 0,007$ ). Os/As participantes que têm atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade são os que se colocam mais à direita do espectro político, enquanto os/as participantes que se posicionaram numa posição mais à esquerda e central, são os/as que mais têm atitudes de suporte. No que se refere às atitudes face a lésbicas, os resultados evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no fator *Visibilidade* ( $F = 3,06$ ;  $p = 0,049$ ), *Rejeição de Proximidade* ( $F = 4,51$ ;  $p = 0,012$ ) e *Transgressão das Normas de Género* ( $F = 4,34$ ;  $p = 0,014$ ). Em todos os casos, são os/as participantes situados mais à direita do espectro político a manifestarem atitudes mais preconceituosas que os/as participantes de esquerda ou do centro. No respeitante às opiniões sobre a homossexualidade masculina não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Embora, tendencialmente, os/as participantes situados mais à direita manifestem atitudes mais discriminatórias, as médias dos três grupos (esquerda, centro e direita) são muito próximas em todas as dimensões do QOHM. De uma forma geral, as atitudes face a gays são sempre mais negativas, independentemente da posição dos/as participantes no espectro político, nomeadamente nas dimensões *Visibilidade* e *Transgressão das Normas de Género*.

O posicionamento religioso dos/as participantes teve mais influência nas suas respostas que o seu posicionamento político. No que se refere às opiniões sobre a orientação sexual,

verificaram-se diferenças entre os três grupos considerados (nada religiosos/as, pouco/moderadamente religiosos/as e muito religiosos/as) nas dimensões *Homopatologização* ( $F = 10,67$ ;  $p < 0,001$ ) e *Rejeição de Proximidade* ( $F = 15,12$ ;  $p < 0,001$ ). Em ambos os casos, são as pessoas que se consideram mais religiosas que manifestam atitudes mais preconceituosas face à homossexualidade. O mesmo se verificou no que se refere especificamente às opiniões sobre lésbicas e *gays*. Com efeito, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de diferentes posições religiosas em todas as dimensões do QOHM e do QOHF, sempre com as pessoas menos religiosas a evidenciarem atitudes mais positivas face à homossexualidade feminina e masculina. Em todos os grupos, as atitudes face a *gays* são sempre mais negativas do que as atitudes face a lésbicas. Apesar destas diferenças entre os grupos, as dimensões *Visibilidade* e *Transgressão das Normas de Género* são as que têm médias mais elevadas nos três grupos, indiciando que todos/as os/as participantes, independentemente do seu grau de religiosidade, evidenciam maior desconforto face à *presença* pública de pessoas LGB e à manifestação de papéis considerados não normativos, especialmente por parte de *gays*.

### **Discussão e Conclusões**

De forma global, os resultados parecem demonstrar que a expressão de preconceitos dos/as participantes se encontra relacionada com a crescente visibilidade LGB, traduzindo-se numa diminuição de suporte de orientações sexuais não normativas. Verificámos, em 2016, valores menos elevados na expressão de preconceito sexual e, conseqüentemente, também valores mais baixos no suporte à diversidade sexual e aos direitos LGBT. Relativamente a estes resultados, não podemos descurar os eventuais impactos da crescente mobilização de movimentos LGBT, das diversas alterações legislativas ocorridas durante este período, a par de uma mudança no panorama social e político em Portugal, que trouxeram maior visibilidade a esta comunidade. Tal pode ter conduzido a alterações nas crenças individuais e coletivas acerca da homossexualidade e do respeito pela diversidade sexual e, até mesmo, na perceção da necessidade de suporte às minorias sexuais, visto que este período foi marcado por algumas conquistas em termos da luta pela igualdade de direitos. De acordo com Gato<sup>74</sup>, a crescente visibilidade e aceitação social das pessoas lésbicas e *gays* poderá conduzir a crenças de que o preconceito e a discriminação em função da orientação sexual já não constituem um problema, por terem sido já totalmente (ou quase) erradicados.

---

<sup>74</sup> Gato, 2012

Para além disso, quando efetuamos uma análise baseada na avaliação dos preconceitos face a lésbicas e a *gays*, distintamente, verificamos que os/as participantes revelaram preconceitos, maioritariamente, de ordem mais subtil, à semelhança de outros estudos<sup>75</sup>, sendo as atitudes face à homossexualidade masculina mais negativas. Os resultados parecem sugerir que, tanto para a homossexualidade masculina como feminina, as atitudes são mais negativas quando existem manifestações explícitas e diretas de orientações sexuais não normativas, embora sejam mais negativas quando direcionadas a *gays*. Este desconforto com a visibilidade LGB pode estar relacionado com o confronto entre as vivências não normativas e o não seguimento da norma vigente, resultando numa perceção de transgressão.

No caso da homossexualidade masculina, a perceção da transgressão das normas de género é mais discriminada e menos tolerada do que na homossexualidade feminina – nas mulheres parece ser menos problemática esta perceção de transgressão. Assim, os homens homossexuais são tomados como transgressores por quebrarem as normas das masculinidades e as mulheres lésbicas são vistas como transgressoras por quebrarem as normas morais/sociais.

Tal como já verificado noutros estudos<sup>76</sup>, os resultados obtidos demonstraram que os homens expressam atitudes mais aversivas e com base no preconceito face a pessoas não heterossexuais do que as mulheres. Estes resultados sugerem, uma vez mais, que a rigidez de papéis associadas à masculinidade e que a ideia exacerbada da mesma, isto é, que os homens têm de ser viris, heterossexuais e deter o domínio sobre outros/as, podem influenciar as representações sociais construídas acerca do que devem ser os comportamentos, aparência, vivências e identidade sexual, de acordo com o sexo biológico de cada um/a<sup>77</sup>.

Relativamente ao conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB, verificámos que os/as participantes que afirmaram ter relações familiares e/ou de amizade com pessoas lésbicas e/ou *gays*, manifestaram mais atitudes positivas e de suporte à diversidade sexual e aos direitos LGB. Estes resultados vão ao encontro ao que é descrito sobre o efeito do contacto interpessoal com pessoas não-heterossexuais, enquanto preditor da expressão de atitudes menos negativas face à homossexualidade<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> Melo et. al., 2013; Pelixo, 2014; Sue, 2010

<sup>76</sup> Gato et. al., 2012a; Kelley, 2001

<sup>77</sup> Oliveira et. al., 2010

<sup>78</sup> European Commission, 2015.

O posicionamento político e religioso dos/as participantes relacionou-se as suas atitudes face à homossexualidade, embora de uma forma não linear. De uma forma geral, participantes com um posicionamento político mais à direita apresentaram avaliações mais negativas, associadas a uma visão patológica e imoral da homossexualidade, enquanto participantes situados/as mais à esquerda do espectro político pautaram-se por um maior apoio e suporte à comunidade LGBT, apresentando, tendencialmente, atitudes menos baseadas no preconceito, quer nas suas formas mais tradicionais, quer no seu carácter mais contemporâneo. Apesar desta tendência geral, é importante realçar que a homossexualidade masculina é sempre avaliada de forma mais negativa, designadamente nos aspetos relacionados com a visibilidade e a perceção de transgressão de normas de género, independentemente da posição política. As pessoas mais religiosas expressaram atitudes mais negativas face à orientação sexual não heterossexual e face a pessoas lésbicas e *gays*, quer a nível de formas de preconceito mais tradicional (maior condenação, hostilização e patologização), quer de forma mais subtil. Todos/as os/as participantes, independentemente do seu grau de religiosidade, evidenciaram atitudes mais negativas nos aspetos relacionados com a visibilidade de pessoas LGB e a expressão de papéis considerados não normativos, especialmente por parte de *gays*.

Estudar a evolução do preconceito em Portugal, assim como a sua atual configuração, permitiu verificar que, em 2016, o preconceito em função da orientação sexual teve médias mais baixas, manifestando-se maioritariamente através de formas mais subtis ou modernas. Estes preconceitos mais atuais estão fundamentalmente relacionados com a perceção de que os homossexuais (*gays* e lésbicas) são transgressores/as das normas.

Estes resultados remetem-nos para a primeira das duas classes ideológicas do heterossexismo definidas por Herek (1990), relativa à restrição e privatização dos comportamentos não heterossexuais, já que a dimensão mais discriminada, tanto para a homossexualidade masculina como feminina, é a *Visibilidade*. Nesta ótica de constrangimentos com a manifestação explícita e direta de orientações sexuais não normativas, infere-se que não é apenas a manifestação dessas identidades que causa desconforto, por si só, mas também a perceção de que estas pessoas são transgressoras das normas, mais especificamente, dos papéis sexuais que lhe estavam destinados de acordo com o seu sexo biológico. Isto sugere que, apesar das atitudes negativas mais diretas e hostis terem vindo a diminuir, elas permanecem, embora de forma mais subtil, numa tentativa de tornar invisíveis as orientações sexuais não normativas.

A segunda classe ideológica do heterossexismo proposta por Herek (1990) prende-se com as representações de género correspondentes a cada pessoa, de acordo com o seu sexo

biológico. Neste estudo verificámos a presença desta classe na diferenciação dos preconceitos direcionados a *gays* e a lésbicas. Assim, em relação aos homens homossexuais, a perceção de transgressão das normas de género (ou seja, da masculinidade) e a sua forte associação com a feminilidade foi o que gerou atitudes mais discriminatórias. Já face às mulheres homossexuais, o que originou atitudes mais negativas foi a perceção de transgressão das normas morais/sociais. Verifica-se desta forma a prevalência de crenças tradicionais e heteronormativas acerca dos constructos de sexo, género e respetivos papéis sociais.

Mas, em suma, é importante salientar que apesar das manifestações do preconceito face a pessoas não heterossexuais terem assumido atualmente formas menos explícitas (coexistindo, embora, com formas mais tradicionais, de condenação moral e patologização da homossexualidade), o preconceito, mesmo que subtil, não deixa de ser preconceito...

#### **Limitações do estudo**

A apreciação e interpretação dos resultados destes estudos devem ser feitas tendo em conta as suas limitações, sendo uma delas a representatividade das amostras. Com efeito, as amostras não podem ser consideradas como representativas da população portuguesa em geral, quer devido ao género e às idades dos/as respondentes, quer devido ao facto da maioria dos/as participantes ser da região sul do país; a não representatividade das amostras poderá também refletir-se no posicionamento político e religioso.

Por outro lado, os instrumentos utilizados apenas avaliam atitudes de pessoas heterossexuais relativamente a lésbicas e a *gays*, sendo, por isso, algo redutores face às diversidades de orientação sexual e de género.

No que respeita ao Estudo 1, será de realçar que se trata de um estudo transversal, com participantes diferentes, pelo que não é possível assegurar realmente uma verdadeira diminuição do preconceito. É ainda importante referir as limitações relacionadas com os constrangimentos inerentes à recolha de dados *online*, como o efeito da desejabilidade social nas respostas dos/as participantes.

A questão do efeito da desejabilidade social também se coloca no Estudo 2, designadamente na subamostra da população mais idosa, já que, neste caso, os dados foram recolhidos individualmente numa metodologia próxima da entrevista, o que poderá ter condicionado as suas respostas.

Esta limitação realça a importância e necessidade de estudos de natureza qualitativa, que possibilitem uma exploração mais aprofundada dos discursos e das várias dimensões do preconceito relativamente a minorias sexuais.

## **Bibliografia**

- ADAM, Barry (1998) - Theorizing homophobia. *Sexualities*. Vol. 1, nº 4, p. 387-404.
- ALDEN, Helena L.; PARKER, Karen F. (2005) - Gender role ideology, homophobia and hate crime: Linking attitudes to macro-level antigay and lesbian hate crimes. *Deviant Behavior*. Vol. 26, p. 321-343.
- ALMEIDA, Leandro; FREIRE, Teresa (2007) - *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação* (4ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- AMÂNCIO, Lúcia (1994) - *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.
- AMÂNCIO, Lúcia (2004) - *Aprender a ser homem: construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- BARTOS, Sebastian; BERGER, Israel; HEGARTY, Peter (2014) - Interventions to reduce sexual prejudice: A study-space analysis and meta-analytic review. *The Journal of Sex Research*. Vol. 51, nº 4, p. 363-382.
- BOTA, Patrícia Henriques C. (2017) - *Evolução e configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays: Um estudo comparativo*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- [BRANDÃO, Ana Maria \(2008\) - Breve contributo para uma história de luta pelos direitos de gays e lésbicas na sociedade portuguesa](#). Comunicação apresentada na Semana Pedagógica União de Mulheres Alternativa e Resposta (U.M.A.R.) / Associação Académica da Universidade do Minho (A.A.U.M.). Braga: Universidade do Minho.
- BROWN, Tom (2002) - A proposed model of bisexual identity development that elaborates on experiential differences of women and men. *Journal of Bisexuality*, Vol. 1, p. 69-91.
- BURN, Shawn; KADLEC, Kelly; REXER, Ryan (2005) - Effects of subtle heterosexism on gays, lesbians, and bisexuals. *Journal of Homosexuality*. Vol. 49, nº 2, p. 23-38.
- CARNEIRO, Nuno (2009). *Homossexualidades: Uma Psicologia entre o ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.
- CORREIA, Rute (2014) - *Identidade e gestão da visibilidade em jovens gays, lésbicas e bissexuais*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- CRENSHAW, Kimberle (1989) - Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Chicago, Vol. 1989, nº 1, p. 139-167.
- D'AUGELLI, Anthony; GROSSMAN, Arnold (2001) - Disclosure of sexual orientation, victimization, and mental health among lesbian, gay, and bisexual older adults. *Journal of interpersonal violence*. Vol. 16, nº 10, p. 1008-1027.



- DOVIDIO, John F.; GAERTNER, Samuel L. (2000) - Aversive racism and selection decisions: 1989 and 1999. *Psychological Science*. Vol. 11, nº 4, p. 315-319.
- ESPELT, Esteve; JAVALOY, Federico; CORNEJO, José Manuel (2006) – Las escalas de prejuicio manifiesto y sutil: Una o dos dimensiones? *Anales de Psicología*. Vol. 22, nº 1, p. 81-88.
- [EUROPEAN COMMISSION. \(2015\) - Discrimination in the EU in 2015 \(Special Eurobarometer 437\). \[Consult. 27 de Abr. 2016\]](#)
- EVANS, Nancy (2001) - The experiences of lesbian, gay and bisexual youths in university communities. In *Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives*. New York: Oxford University Press. Cap. 3, p. 181-198.
- FIELD, Andy (2009) - *Discovering statistics using SPSS*. London: SAGE.
- GALUPO, Paz; RESNICK, Courtney (2016) - Experiences of LGBT microaggressions in the workplace: Implications for policy. In *Sexual orientation and transgender issues in organizations*. Switzerland: Springer International Publishing. ISBN 978-3-319-29623-4. p. 271-287.
- GATO, Jorge; LEME, Vanessa; LEME, Alessandro (2010) - Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. In *Simpósio Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos*. Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina.
- GATO, Jorge; CARNEIRO, Nuno; FONTAINE, Anne Marie (2011) - Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, Vol. 1, nº 1, p. 139-167
- GATO, Jorge (2012) – Homofobia dos dois lados do Atlântico: Atitudes negativas face a lésbicas e a gays em Portugal e no Brasil. *Passages de Paris*, Vol. 7, p. 105-121.
- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne Marie (2012a) - Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. *Exedra*. nº 6, p. 81-103.
- GATO, Jorge; FONTAINE; Anne Marie; CARNEIRO, Nuno (2012b) - Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays: Construção e validação preliminar. *Paidéia*, Vol. 22, nº 51, p. 11-20.
- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne Marie; LEME, Vanessa B. (2014) - Validação e adaptação transcultural da escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Vol. 27, nº 2, p. 257-271.
- HALBERSTAM, Jack (1998) - *Female masculinity*. Durham: Duke University Press.
- HEREK, Gregory (1990) - The context of antigay violence: Notes on cultural and psychological heterosexism. *Journal of Interpersonal Violence*. Vol. 5, nº 3, p. 316-333.

- HEREK, Gregory (2000) - Homosexuality. In *Encyclopedia of psychology*. Washington, DC: American Psychological Association & Oxford University Press, 2000. ISBN 1557986509. p. 149-153.
- HEREK, Gregory (2004) - Beyond “homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*. Vol. 1, nº 2, p. 6-24.
- HEREK, Gregory (2010) - Sexual orientation differences as deficits: Science and stigma in the history of American psychology. *Perspectives on Psychological Science*. Vol. 5, nº 6, p. 693-699.
- HEREK, Gregory; BERRILL, Kevin (1992) - *Hate crimes: Confronting violence against lesbians and gay men* (Eds.). Newbury Park: Sage.
- [ILGA \(2018\) - \*Homofobia e transfobia: Dados da discriminação em Portugal\*. Lisboa: ILGA Portugal. \[Consult. 17 de Junho de 2018\].](#)
- JUNQUEIRA, Rogério (2007) - Homofobia: Limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*. Vol. 1, p. 1-22.
- KELLEY, Jonathan (2001) - Attitudes towards homosexuality in 29 nations. *Australian Social Monitor*. Vol. 4, nº 1, p. 15-22.
- KROLIKOWSKI, Alex (2011) - The influence of subtle and blatant prejudice on group identity. *The Spectrum: A Scholars Day Journal*. Vol. 1, p. 1-47.
- MARÔCO, João; GARCIA-MARQUES, Teresa (2006) - Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, Vol. 4, nº 1, p. 65-90.
- MARÔCO, João (2014) - *Análise estatística com o SPSS statistics* (6ª. Ed.). Pero Pinheiro: ReportNumber.
- MASSEY, Sean G. (2009) - Polymorphous prejudice: Liberating the measurement of heterosexuals’ attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*. Vol. 56, nº 2, p. 147-172.
- MELO, Madalena; PELIXO, Paulo (2013) - Desde que eles não mostrem: Perspetivas de professores/as sobre orientação sexual e identidades LGBT. In *Livro de Atas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Aveiro: Associação Portuguesa de Psicologia.
- MEYER, Ilan (1995) - Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, Vol. 36, nº 1, p. 38-56.
- MOITA, Gabriela (2001) - *Homofobia no discurso de clínicos: A homossexualidade de dois lados do espelho*. Porto: Universidade do Porto. Tese de doutoramento.

- MORAIS, Ana (2016) - *Gestão da visibilidade LGB no contexto do Ensino Superior*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de mestrado em Psicologia.
- MORAL, JOSÉ; VALLE, Adrián (2013) - About the subtle and the manifest in the ATLG scale. *Journal of Behavior*. Vol. 5, nº 2, p. 103-116.
- NADAL, Kevin [et. al.] (2016) - Microaggressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: A review of the literature. *The Journal of Sex Research*, Vol. 53, nº 4, p. 488-508.
- OLIVEIRA, João; NOGUEIRA, Conceição (2010) - Desafiar o futuro. In *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. ISBN 978-972-597-326-4. p. 267-269.
- PALLANT, Julie (2007) - *SPSS Survival Manual*. New York, NY: McGraw-Hill.
- PASQUALI, Luiz (2011) - *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação* (4ª Ed.). Petrópolis: Vozes.
- PELIXO, Paulo (2014) - “Desde que eles não mostrem”: *Perspetivas de professores/as sobre orientação sexual e identidades LGBT*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- PEREIRA, Severino; SOUZA, Eloizio (2012) - Azul para os meninos, Rosa para as meninas: Heterossexismo, Consumo e género. In *Simpósio V Encontro de Marketing da ANPAD*. Brasil: Curitiba.
- PÉREZ-SANCHO, Begona (2005) - *Homosexualidad: secreto de familia: El manejo del secreto en familias con algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.
- PETTIGREW, Thomas F.; MEERTENS, Roel W. (1995) - Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*. Vol. 25, nº 1, p. 57-75.
- PETTILI, Arianna (2014) - Violência na Intimidade em relações entre pessoas do mesmo sexo. In *Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra mulheres LBT na EU*. Lisboa: Associação ILGA Portugal, p. 10-23.
- PINTO, Nuno [et. al.] (2014) - *Saúde em Igualdade. Pelo acesso a cuidados de saúde adequados e competentes para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans*. Lisboa: Associação ILGA Portugal.
- PROCTOR, Sherrie [et. al.] (2017) - *Intersectionality and School Psychology: Implications for practice*. National Association of School Psychologists. Bethesda: NASP.
- QUILES DEL CASTILLO, María Nieves [et. al.] (2003) - La medida de la homofobia manifiesta y sutil. *Psicothema*. Vol. 15, nº 2, p. 197-204.

- RIOS, Roger (2009) - Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre o preconceito e discriminação. In *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO. p. 53–83.
- SAAVEDRA, Luísa; FERREIRA, Andreia (2013) - A reconstrução identitária das figuras parentais no *coming out* dos filhos e filhas: Sugestões para a intervenção. *Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadania*. Vol. 2, nº 2, p. 140-159.
- [SAMIS, Stephen M. \(1995\) - “An injury to one is an injury to all”: Heterosexism, homophobia and antigay/lesbian violence in greater Vancouver. Vancouver: Simon Fraser University. Master’s thesis.](#) [Consult. 11 Mar. 2016].
- SANTOS, Joana Raquel Silveira (2018) - *Preconceitos e discriminação face a minorias sexuais*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- SHELTON, Kimber; DELGADO-ROMERO, Edward (2011) - Sexual orientation microaggressions: The experience of lesbian, gay, bisexual, and queer clients in psychotherapy. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 58, nº 2, p. 210-221.
- SMITH, Nathan; INGRAM, Kathleen (2004) - Workplace Heterosexism and Adjustment among Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals: The Role of Unsupportive Social Interactions. *Journal of counseling psychology*, Vol. 51, nº 1, p. 57-67.
- SUE, Derald Wing (2010) - *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel (2010) - O contexto LGBT em Portugal. In *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. ISBN 978-972-597-326-4. Cap. 2, p. 45-92.
- VENÂNCIO, Joana (2010) - *Homofobia e consequências da (não) assunção da homossexualidade: Um estudo sobre a visão LGBT*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- WILLIAMSON, Iain (2000) - Internalized homophobia and health issues affecting lesbians and gay men. *Health education research*, Vol. 15, nº 1, p. 97-107.